

DESIGUALDADE URBANA, SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL E A PRESENÇA DE CRIANÇAS DE RUA NAS GRANDES CIDADES*

Jimmy Lima de Oliveira**

“O espaço urbano sofre transformações resultantes das transformações sociais.”
(CHAGAS, 2007, p. 15)

1 INTRODUÇÃO

É comum a presença de crianças em situação de rua nas grandes cidades brasileiras. Em geral, suas famílias encontram-se nas periferias dos centros urbanos vivendo em condições precárias de subsistência. As necessidades e carências familiares fazem que elas procurem, nas ruas das grandes cidades, meios para sua sobrevivência e a do grupo familiar (MENEZES; BRASIL, 1998). Este problema, apesar de se revelar no contexto urbano, tem suas raízes na pobreza rural (INCIARDI; SURRAT, 1998).

Uma das consequências mais importantes da desigualdade regional tem sido o fluxo contínuo de migrantes em direção às áreas urbanas. Historicamente, esse processo de mobilidade populacional se revelou uma importante estratégia de sobrevivência para um grande número de famílias em situação de extrema pobreza. A migração para os centros urbanos em busca de melhores condições de vida era a alternativa para as famílias pobres que não possuíam meios de subsistência no campo. Os fluxos migratórios se dirigiam tanto para as zonas urbanas localizadas fora dos estados de origem como para o interior dos territórios estaduais, principalmente em direção às capitais. O processo de expansão das grandes cidades brasileiras foi fortemente alimentado por essas migrações internas.

A infraestrutura urbana não foi capaz de atender às demandas sociais geradas por esses aumentos populacionais. A migração em massa de famílias em situação de miséria produziu um desequilíbrio no uso e na ocupação do espaço, que se manifestou na proliferação de moradias irregulares nas periferias das grandes cidades. O surgimento de bairros periféricos fez que a desigualdade socioeconômica se evidenciasse no plano espacial (ARAÚJO; CARLEIAL, 2003). O processo de segregação espacial separou as classes sociais em espaços dotados de infraestrutura, habitados pela população de padrões médios e altos de renda, em oposição aos com população vivendo múltiplas situações de carência (RIBEIRO, 2004).

* O autor agradece ao técnico Daniel Dantas, do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (Ipece), pela confecção dos mapas.

** Analista de Políticas Públicas do Ipece.

O aumento da desigualdade econômica e social deu origem a um novo tipo de pobreza, tipicamente urbana, formada por famílias chefiadas por trabalhadores pouco qualificados, com baixa escolaridade, ocupados no setor informal ou em situação de desemprego. A segregação espacial e o aumento da pobreza provocaram o acirramento dos conflitos sociais, criando um ambiente favorável à manifestação de diversos tipos de problemas, como a existência de crianças em situação de rua.

Embora a pobreza seja certamente a principal causa da existência de crianças de rua, ela não é a única. Uma pesquisa realizada para a cidade do Rio de Janeiro mostrou que a qualidade do envolvimento entre os membros da família é determinante para a existência destas crianças (BARROS, 1994). Portanto, as questões que levam a criança para a rua estão ligadas à situação econômica da família, à fragilidade da sua organização, à exploração da criança e à violência (LUSK, 1992).

Muitas crianças encontradas nas ruas relatam que foram vítimas de violência doméstica e abuso físico e sexual, e apontam a exploração econômica como razão para sair de casa (RAFFAELLI *et al.*, 1995). Percebe-se, então, que os diversos tipos de violência contra a criança costumam se expressar associadamente, conformando uma rede na qual se interligam as várias agressões oriundas do sistema social com aquelas praticadas no nível das relações interpessoais, em que vítimas podem se tornar agressoras, evidenciando uma complexa e infundável trama de reprodução da violência (ASSIS, 1994).

Para se manterem nas ruas, as crianças desenvolvem estratégias para lidar com circunstâncias que podem expô-las a riscos¹ e torná-las vulneráveis. A principal destas é a formação de grupos em função do uso dos espaços públicos e das atividades realizadas (HUTZ; KOLLER, 1997). Dessa forma, para estas crianças, a rua se transformou em espaço de sobrevivência e formação de vínculos (LUCCHINI, 1993). Nesse sentido, a rua já não se constitui em espaço público, transformando-se, muitas vezes, pela força da sobrevivência, em espaço privado de constituição psíquica e social (MENEZES; BRASIL, 1998).

2 CRIANÇAS DE RUA NOS ESPAÇOS URBANOS

Na tentativa de compreender melhor o papel da desigualdade urbana nessa problemática, serão apresentados dados sobre a localização das crianças de rua encontradas na cidade de Fortaleza.² As informações utilizadas foram obtidas pelos educadores sociais do Programa Criança Fora da Rua Dentro da Escola (CFRDE).³ Eles se utilizaram de dados relativos à cartografia das ruas, bem como de informações prestadas pela população, para chegar aos lugares onde as crianças normalmente são encontradas.

Os mapas 1 e 2, a seguir, revelam uma relação entre o nível de desenvolvimento social dos bairros de Fortaleza e a distribuição das crianças pelas ruas. A partir do mapa 1, que apresenta a distribuição espacial dos bairros de acordo com o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), percebe-se uma concentração dos bairros de alto e médio IDH na região norte da cidade. A desigualdade social é uma das principais características da cidade de Fortaleza. Os bairros com maior nível de escolaridade média dos chefes de família apresentam maiores indicadores de renda familiar *per capita*. Ao contrário, nos bairros

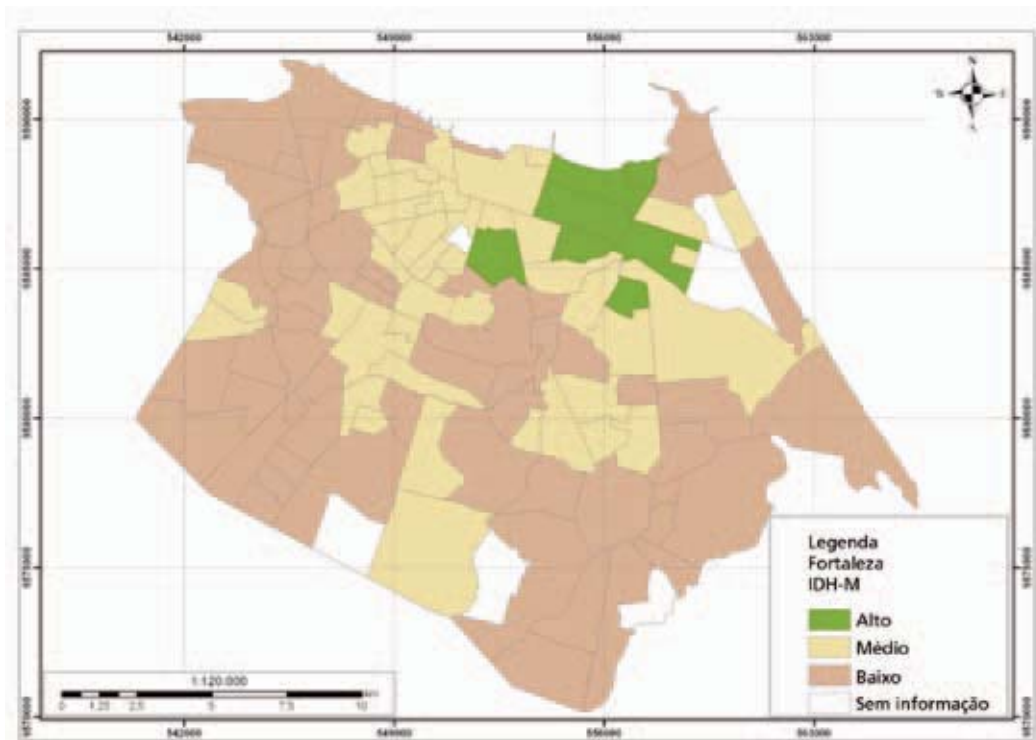
1. Uma criança será considerada em situação de risco quando seu desenvolvimento não ocorre de acordo com o esperado para sua faixa etária, de acordo com os parâmetros de sua cultura (BANDEIRA *et al.*, 1996).

2. Embora as informações tenham sido coletadas apenas na cidade de Fortaleza, o padrão de comportamento das crianças de rua é muito similar ao de outras em mesma situação encontradas nas ruas das grandes cidades brasileiras, como será visto a seguir.

3. As informações utilizadas se referem a crianças abordadas nas ruas entre janeiro de 1996 e junho de 2007.

onde esta é menor, observa-se um elevado número de chefes de famílias sem instrução ou com poucos anos de estudo.⁴

MAPA 1
IDH dos bairros de Fortaleza



Fonte: Prefeitura Municipal de Fortaleza.

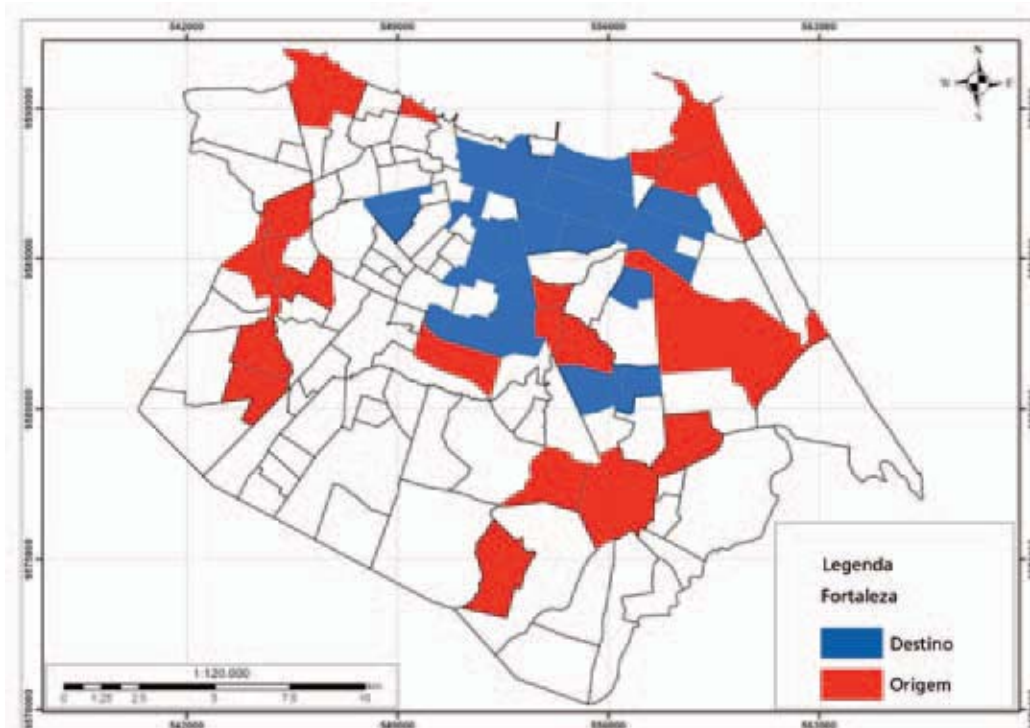
Fortaleza também apresenta contrastes em relação à distribuição da infraestrutura. Nos bairros em que esta é melhor, há o predomínio das classes de maior rendimento. No entanto, observa-se a coexistência de ricos e pobres em áreas de um mesmo bairro, evidenciando que a segregação socioespacial não se realiza em uma área específica, mas permeia todo o território da cidade. Durante o processo de urbanização, as diferenças sociais acentuaram-se, de tal modo, que se estenderam a todas as partes da cidade, universalizando, nos bairros, a miséria (ARAÚJO; CARLEIAL, 2003). Quando os mais pobres moram em bairros com alto IDH, na grande maioria dos casos, habitam áreas consideradas de risco.

O mapa 2 mostra os pontos de origem e destino das crianças encontradas nas ruas. Em geral, elas partem dos bairros da periferia em direção aos mais desenvolvidos. A maioria se encontra nos cruzamentos de grandes avenidas com intenso fluxo de veículos e movimentação de pessoas, onde realizam pequenas tarefas, pedem esmolas, fazem malabares ou utilizam outras estratégias para obtenção de dinheiro.

4. A partir das informações da Pesquisa de Desemprego e Subemprego, realizada pelo Instituto de Desenvolvimento do Trabalho (IDT) nos bairros de Fortaleza.

MAPA 2

Distribuição das crianças de rua em função dos bairros de origem e destino



Fonte: Programa CFRDE.

Analisando as informações ilustradas nos mapas, pode-se concluir, então, que a desigualdade entre bairros determina a movimentação das crianças ao longo da malha urbana, e que esta se configura em uma estratégia racional de obtenção de renda. A desigualdade intrabairros também é relevante nesse processo. Bairros de alta renda caracterizados por uma elevada desigualdade se apresentam como pontos de origem e partida para estas crianças. Esta situação é também observada em alguns bairros considerados pobres.

Nos bairros com maior nível de renda, elas se concentram nas áreas em torno de estabelecimentos comerciais como bares, restaurantes e *shopping centers*. Nos menos desenvolvidos, encontram-se nas proximidades dos terminais de ônibus e estações de trens. Também há relatos de exploração sexual ocorrendo, principalmente, nos locais com maior movimentação de turistas.

3 CARACTERIZAÇÃO DAS CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS DAS CRIANÇAS DE RUAS

Apesar de muitos estudos contribuírem para a caracterização das crianças de rua no Brasil – ver Aptekar (1996), Cosgrove (1990), Koller e Hutz (1996), entre outros –, descrever esta parcela da população tem sido uma tarefa difícil, especialmente pela ausência de métodos adequados para a coleta de dados (SILVA; KOLLER, 2002). O próprio termo criança de rua é objeto de controvérsia. Alguns autores utilizam o termo para nomear as crianças que dormem em locais públicos e que não têm laços familiares. No entanto, às vezes, o termo se refere às crianças que passam o dia ou parte dele nas ruas, tentando conseguir algum dinheiro, mas que durante a noite retornam para suas casas.⁵

5. Para maior discussão sobre a definição do termo criança de rua, ver Koller e Hutz (1996).

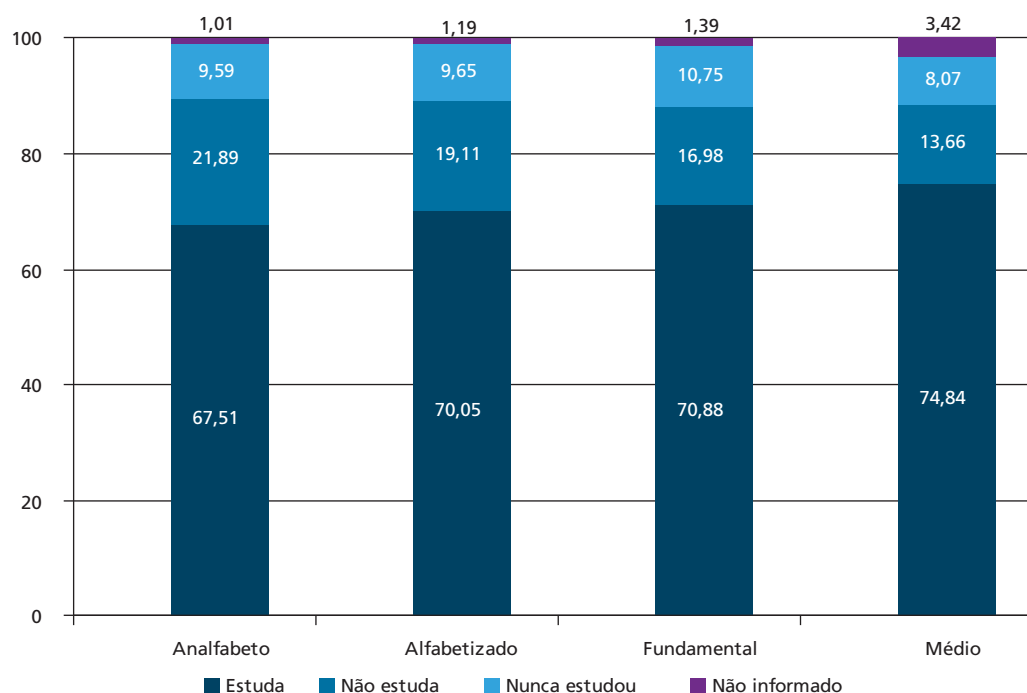
A partir dos dados do programa CFRDE, é possível descrever algumas características comuns às crianças encontradas nas ruas de Fortaleza. Uma característica importante se refere à composição etária e de gênero, a maioria possui entre 10 e 14 anos e é do sexo masculino. Além disso, a proporção de crianças do sexo feminino tende a diminuir com a idade, enquanto a do sexo masculino tende a aumentar. Uma explicação para esse fato é que crianças do sexo feminino, a partir de determinada idade, se dedicam a afazeres domésticos, permanecendo em casa, enquanto os meninos possuem maior estímulo para ir às ruas. Outro argumento plausível se encontra na maior frequência à escola das meninas. O fato de permanecerem mais neste estabelecimento pode estar contribuindo para que o número de crianças do sexo feminino nas ruas seja menor.

Um fato que chama atenção é o percentual elevado de crianças frequentando a escola. Uma explicação possível reside no fato de que muitas delas pertencem a famílias beneficiadas por programas de transferência de renda condicional que exigem como contrapartida a frequência escolar.⁶ Apesar de a maioria ir à escola, elas têm dificuldade para se adaptarem ao sistema escolar, pela exigência de disciplina e outras rotinas com as quais não lidam diariamente (HUTZ; KOLLER, 1999). Portanto, mesmo considerando que elas vão à escola, a realidade em que se encontram não é compatível com o processo de aprendizagem.

GRÁFICO 1

Crianças de rua que frequentam a escola por nível de instrução do responsável

(Em %)



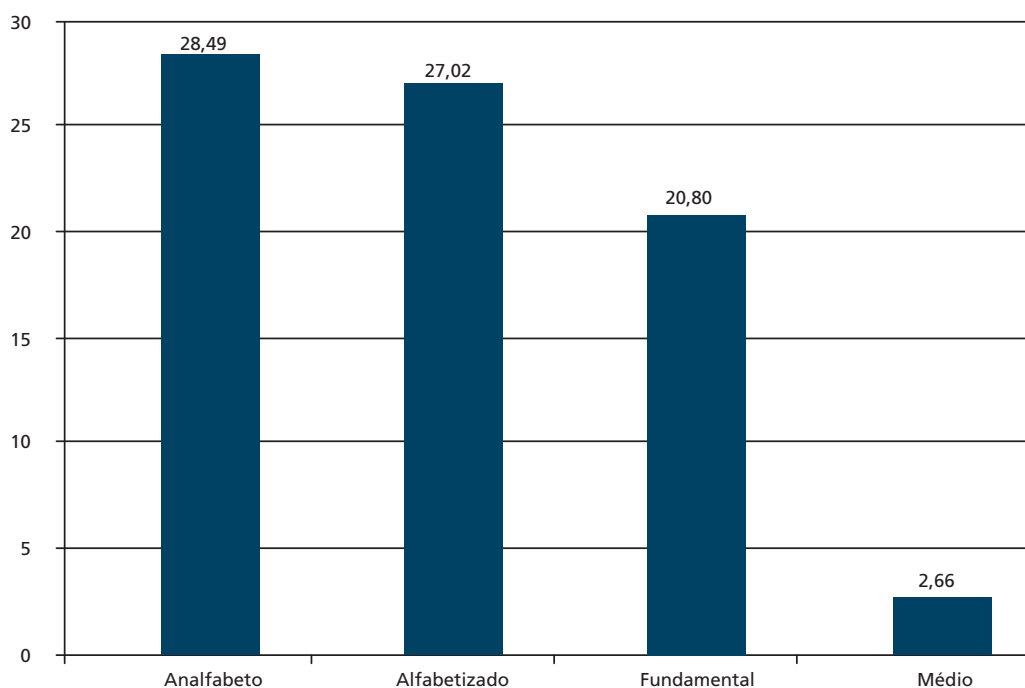
Fonte: Programa CFRDE.

6. Como o Bolsa Escola e, posteriormente, o Bolsa Família.

GRÁFICO 2

Crianças encontradas nas ruas por nível de instrução do responsável

(Em %)



Fonte: Programa CFRDE.

Além disso, a partir dos gráficos 1 e 2, percebe-se que o percentual de crianças que frequentam a escola é maior quanto maior é o nível de escolaridade do responsável, independentemente do sexo da criança, e que quanto maior o grau de instrução deste, menor é a chance de a criança estar na rua. Isto ocorre porque os pais com maiores níveis de escolaridade possuem maior capacidade de enxergar os benefícios futuros da educação e estimulam a permanência de seus filhos na escola, enquanto os com baixas escolaridade e renda, muitas vezes, dependem do dinheiro obtido por eles.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A condição de pobreza e a baixa escolaridade dos responsáveis são características comuns das famílias com crianças em situação de rua. Nas famílias de menor rendimento, a contribuição das crianças para a renda familiar pode ser substancial, levando os pais a incentivarem a permanência delas nas ruas. Além do mais, como o nível de escolaridade dos progenitores é um importante determinante do número de anos de estudos dos filhos, a baixa escolaridade dos responsáveis representa um grande obstáculo para a solução deste problema. A transmissão destas características entre gerações reproduz a condição de pobreza na qual esses indivíduos estão inseridos, perpetuando o mecanismo de “produção” de crianças de rua.

Dada a relação entre educação e renda, a desigualdade educacional repercute na desigualdade de renda, afetando em última instância a incidência de pobreza. Consequentemente, a perda da escolarização básica acarreta uma série de perdas de habilidades que faz que as crianças em situação de rua tenham menos chance de obterem sucesso econômico e uma melhoria na qualidade de vida durante a fase adulta. (KNUDSEN *et al.*, 2006). Portanto, as políticas destinadas a combater esse problema devem procurar eliminar a necessidade da família pela renda dos seus membros mais jovens.

A literatura econômica sobre o problema de crianças de rua afirma que somente um enfoque baseado na educação é capaz de oferecer uma esperança real para a solução deste problema. De acordo com Moran e Castro (1997), os programas com impactos mais duradouros não são diretamente direcionados a esse grupo, mas, sim, os voltados para a construção do capital humano e social das comunidades e famílias pobres urbanas, por meio da provisão de serviços básicos de qualidade nas áreas de saúde e educação.

REFERÊNCIAS

- APTEKAR, L. Crianças de rua nos países em desenvolvimento: uma revisão de suas condições. **Psicologia, Reflexão e Crítica**, v. 9, n. 1, p. 153-184, 1996.
- ARAÚJO, A. M.; CARLEIAL, A. N. Opulência e miséria nos bairros de Fortaleza. **Scripta Nova**: revista eletrônica de geografia e ciências sociais. Universidade de Barcelona, v. VII, n. 146, 2003.
- ASSIS, S. G. Crianças e adolescentes violentados: passado, presente e perspectivas para o futuro. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 126-134, 1994. Suplemento 1.
- BANDEIRA, D. *et al.* Desenvolvimento psico-social e profissionalização: uma experiência com adolescentes de risco. **Psicologia: reflexão e crítica**, n. 9, p. 185-207, 1996.
- BARROS, R. P. *et al.* **Is Poverty the Cause of Child Work in Urban Brazil?** Rio de Janeiro: Ipea, 1994.
- CEARÁ. **Programa Criança Fora da Rua Dentro da Escola**, 1996. Proposta técnica.
- CHAGAS, C. A. M. **A periferização da pobreza e da degradação sócio-ambiental na Região Metropolitana de São Paulo**: o caso de Francisco Morato. 2007. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- COSGROVE, J. G. Towards a working definition of street children. **International Social Work**, v. 33, n. 2, p. 185-192, Apr. 1990.
- HUTZ, C. S.; KOLLER, S. H. Questões sobre o desenvolvimento de crianças em situação de rua. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 2, n. 1, 1997.
- _____. Methodological and Ethical Issues in Research with Street Children. **New Directions for Child and Adolescent Development**, n. 85, p. 59-70, 1999.
- INCIARDI, J. A.; SURRATT, H. L. Children in the Streets of Brazil: Drug Use, Crime, Violence and HIV Risks. **Substance Use & Misuse**, v. 33, n. 7, 1998.
- KNUDSEN, E. *et al.* **Economic, Neurobiological and Behavioral Perspectives on Building America's Future Workforce**. Cambridge, MA: NBER, 2006 (NBER Working Paper, n. 12298).
- KOLLER, S. H.; HUTZ, C. S. Meninos e meninas em situação de rua: dinâmica, diversidade e definição. **Coletâneas da ANPEPP – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia**, v. 1, n. 12, p. 11-34, 1996.
- LUCCHINI, R. **Enfant de la Rue**: identité, sociabilité, drogue. Genève: Librairie Droz, 1993.
- LUSK, M. Street Children of Rio de Janeiro. **International Social Work**, v. 35, n. 3, p. 293-305, 1992.

- MENEZES, D.; BRASIL, K. Dimensões psíquicas e sociais da criança e do adolescente em situação de rua. **Psicologia e Reflexão Crítica**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, 1998.
- MORAN, R.; CASTRO, C. **Street-children and the Inter-American Development Bank: Lessons from Brazil**. Washington, DC: Inter-American Development Bank, Sustainable Development Department, Social Development Division, 1997.
- RAFFAELLI, M. *et al.* HIV-Related Knowledge and Risk Behaviors of Street Youth in Belo Horizonte, Brazil. **AIDS Education and Prevention**, v. 7, n. 4, p. 287-297, 1995.
- RIBEIRO, L. C. Metrôpoles: entre a coesão e fragmentação, a cooperação e o conflito. *In*: RIBEIRO, L. C. (Org.). **Metrôpoles: entre a coesão e fragmentação, a cooperação e o conflito**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo/Rio de Janeiro: Observatório das Metrôpoles, 2004.
- SILVA, L.; KOLLER, S. H. A rua como contexto de desenvolvimento. *In*: LORDELO, E. R.; CARVALHO, A. M.; KOLLER, S. H. (Org.). **Infância brasileira e contextos de desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo; Salvador: EDUFBA, 2002. p. 205-230.